



Instituto Politécnico
de Castelo Branco

Instituto Politécnico de Castelo Branco

Lopes, Teresa de Fátima Brida

**Efeito do tipo de monta sobre as taxas
reprodutivas de ovelhas da raça Merino da Beira
Baixa sujeitas a sincronização de cios**

<https://minerva.ipcb.pt/handle/123456789/1066>

Metadados

Data de Publicação

1997

Resumo

Este estudo foi realizado no efectivo ovino pertencente à E.S.A.C.B. durante o ano lectivo de 1996/97. Foram constituídos 4 grupos de estudo com 26, 24, 24 e 26 animais no 1º, 2º, 3º e 4º grupos, respectivamente. Ao grupo 1 (G 1) aplicaram-se esponjas intravaginais impregnadas de FGA (Chronogest) associadas a 450 U.I de PMSG; ao grupo 2 (G 2) aplicou-se esponjas intravaginais impregnadas de FGA (Chronogest) associadas a 550 U.I de PMSG; ao grupo 3 (G 3) aplicara igualmente esponjas intravaginais...

Tipo

report

Revisão de Pares

Não

Coleções

ESACB - Engenharia de Produção Animal

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-08-24T05:16:19Z com
informação proveniente do Repositório



ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA
INSITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO

**EFEITO DO TIPO DE MONTA SOBRE
AS TAXAS REPRODUTIVAS DE OVELHAS
DA RAÇA MERINO DA BEIRA BAIXA
SUJEITAS A SINCRONIZAÇÃO DE CIOS**

Eng^a de Produção Animal

Relatório do Trabalho de Fim de Curso

Teresa de Fátima Brida Lopes

CASTELO BRANCO

1997

ÍNDICE GERAL

| | |
|---|------|
| RESUMO | IV |
| ABSTRAT | V |
| ÍNDICE DE QUADROS | VI |
| ÍNDICE DE FIGURAS | VII |
| LISTA DE ABREVIATURAS | VIII |
| CAPÍTULO I- INTRODUÇÃO | 1 |
| CAPÍTULO II- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | 2 |
| 1- CICLO ÉSTRICO E SAZONALIDADE NAS FEMÊAS OVINAS | 2 |
| 1.1- Ciclo éstrico | 2 |
| 1.1.1- Fases do ciclo éstrico | 3 |
| 1.1.1.1- Proestro | 3 |
| 1.1.1.2- Estro | 3 |
| 1.1.1.3- Metaestro | 5 |
| 1.1.1.4- Diestro | 5 |
| 1.1.2- Regulação neuro-hormonal | 6 |
| 1.1.3- Modificações cíclicas do tracto genital feminino durante o ciclo éstrico | 7 |
| 1.1.3.1- Ovários | 7 |
| 1.1.3.2- Oviductos | 9 |
| 1.1.3.3- Útero | 9 |
| 1.1.3.4- Vagina | 10 |
| 1.1.3.5- Vulva | 10 |
| 1.1.4- Reinício da actividade ovárica após o parto | 10 |
| 1.2- Sazonalidade dos ovinos | 11 |
| 1.2.1- Factores com influência na sazonalidade dos ovinos | 11 |
| 1.2.1.1- Latitude e fotoperíodo | 11 |
| 1.2.1.2- Raça | 12 |
| 1.2.1.3- Idade | 13 |
| 1.2.2- Anestro sazonal | 13 |
| 2- TÉCNICAS DE INDUÇÃO E SINCRONIZAÇÃO DE CIOS EM OVINOS | 15 |
| 2.1- Técnicas não hormonais do controlo do ciclo éstrico | 15 |
| 2.1.1- Efeito macho | 15 |
| 2.1.2- Flushing | 16 |
| 2.1.3- Controlo do fotoperíodo | 18 |

| | |
|---|----|
| 2.2- Técnicas hormonais do controlo farmacológico do ciclo éstrico..... | 19 |
| 2.2.1- Utilização de prostaglandinas..... | 20 |
| 2.2.2- Utilização de melatonina..... | 22 |
| 2.2.2.1- Função e modo de actuação..... | 22 |
| 2.2.2.2- Forma de administração..... | 24 |
| 2.2.2.2.1- Oral..... | 25 |
| 2.2.2.2.2- Injectável..... | 26 |
| 2.2.2.2.3- Bolo intraruminal..... | 26 |
| 2.2.2.2.4- Implantes subcutâneos..... | 26 |
| 2.2.3- Utilização de progesterona e progestagénios..... | 27 |
| 2.2.3.1- Função e modo de actuação..... | 28 |
| 2.2.3.2- Forma de administração..... | 28 |
| 2.2.3.2.1- Oral..... | 29 |
| 2.2.3.2.2- Injectável..... | 29 |
| 2.2.3.2.3- Implantes subcutâneos..... | 30 |
| 2.2.3.2.4- Esponjas intravaginais..... | 30 |
| 2.2.4- Utilização de PMSG..... | 32 |
| 2.2.4.1- Acção da PMSG..... | 33 |
| 2.2.4.2- Administração de PMSG e doses a fornecer..... | 34 |
| | |
| 3- MÉTODOS DE REPRODUÇÃO..... | 36 |
| | |
| 3.1- Inseminação artificial..... | 36 |
| 3.2- Monta natural..... | 37 |
| 3.2.1- Monta natural em lotes..... | 38 |
| 3.2.2- Monta natural à mão..... | 38 |
| | |
| 4- RAÇA MERINO DA BEIRA BAIXA..... | 40 |
| | |
| 4.1- Origem..... | 40 |
| 4.2- Características..... | 43 |
| 4.3- Aptidão..... | 44 |
| 4.4- Produção de leite..... | 44 |
| 4.4.1- Produção normalizada dos 0-150 dias de lactação..... | 44 |
| 4.4.2- Produção média diária..... | 44 |
| 4.4.3- Duração da lactação..... | 45 |
| 4.5- Produção de carne..... | 45 |
| 4.6- Produção de lã..... | 45 |
| 4.7- Pesos médios..... | 46 |
| 4.8- Parâmetros reprodutivos..... | 47 |
| 4.8.1- Idade ao primeiro parto..... | 47 |
| 4.8.2- Intervalo entre partos..... | 47 |
| 4.8.3- Taxa de fertilidade aparente..... | 48 |
| 4.8.4- Taxa de prolificidade..... | 48 |
| 4.8.5- Taxa de fecundidade..... | 48 |
| 4.8.6- Taxa de mortalidade total..... | 48 |

| | |
|---|-----------|
| 4.8.7- Produtividade numérica | 49 |
| 4.8.8- Produtividade ponderal..... | 49 |
| 4.8.9- Percentagem de partos simples e duplos e percentagem de borregos de partos simples e duplos | 49 |
| CAPÍTULO III- MATERIAL E MÉTODOS..... | 50 |
| 1- LOCALIZAÇÃO..... | 50 |
| 2- CARACTERIZAÇÃO EDAFOCLIMÁTICA | 50 |
| 2.1- Solos | 50 |
| 2.2- Clima | 51 |
| 2.2.1- Temperatura..... | 52 |
| 2.2.2- Precipitação..... | 52 |
| 2.2.3- Classificação climática | 52 |
| 3- ANIMAIS UTILIZADOS..... | 54 |
| 3.1- Grupos de ovelhas utilizadas | 55 |
| 3.2- Maneio dos ovinos em ensaio..... | 56 |
| 3.2.1- Maneio alimentar..... | 56 |
| 3.2.2- Maneio reprodutivo | 56 |
| 3.2.3- Maneio higio-sanitário | 56 |
| 4- REGISTOS EFECTUADOS | 57 |
| 5- MATERIAL E TÉCNICA DE INDUÇÃO E SINCRONIZAÇÃO DE CIOS COM ESPONJAS INTRAVAGINAIS..... | 58 |
| 5.1- Material de indução e sincronização utilizado | 58 |
| 5.2- Técnica usada na indução e sincronização | 59 |
| 6- CALENDÁRIO DAS OPERAÇÕES..... | 62 |
| 6.1- Condição corporal | 62 |
| 6.2- Pesagens | 63 |
| 6.3- Data de colocação e remoção das esponjas e entrada em cio | 63 |
| 6.4- Cobrição..... | 64 |
| 6.5- Pesagens dos borregos | 64 |
| 7- MÉTODO DE CÁLCULO DOS PARÂMETROS REPRODUTIVOS E PRODUTIVOS | 64 |
| 7.1- Taxa de fertilidade aparente | 64 |
| 7.2- Taxa de prolificidade..... | 65 |
| 7.3- Taxa de fecundidade | 65 |
| 7.4- Taxa de produtividade numérica..... | 65 |

| | |
|---|----|
| 7.5- Taxa de produtividade ponderal | 65 |
| 7.6- Mortalidade ao parto..... | 65 |
| 7.7- Mortalidade ao desmame | 66 |
| 7.8- Taxa de mortalidade..... | 66 |
| 8- ANÁLISE ESTATÍSTICA | 66 |
| CAPÍTULO IV- RESULTADOS E DISCUSSÃO | 67 |
| 1- CONDIÇÃO CORPORAL | 67 |
| 2- PESO | 67 |
| 3- PARÂMETROS REPRODUTIVOS..... | 69 |
| 3.1- Taxa de fertilidade aparente (TFA), taxa de prolificidade (TP) e taxa de fecundidade (Tfec) | 69 |
| 3.2- Mortalidade ao parto (MP) e ao desmame (MD) e mortalidade total (Tmt) | 72 |
| 3.3- Produtividade ponderal (PP) e numérica (PN) | 74 |
| 4- PESOS DOS BORREGOS AO NASCIMENTO | 77 |
| 5- SEXO DOS BORREGOS | 78 |
| CAPÍTULO V- ESTUDO ECONÓMICO | 79 |
| 1- ESTUDO ECONÓMICO EM RELAÇÃO AO MÉTODO DE SINCRONIZAÇÃO DE CIOS | 79 |
| 2- ESTUDO ECONÓMICO EM RELAÇÃO À MONTA NATURAL À MÃO E MONTA EM LOTE | 80 |
| CAPÍTULO VI- <u>C</u> NSIDERAÇÕES FINAIS | 82 |
| CAPÍTULO VII- BIBLIOGRAFIA | 85 |

RESUMO

Este estudo foi realizado no efectivo ovino pertencente à E.S.A.C.B. durante o ano lectivo de 1996/97. Foram constituídos 4 grupos de estudo com 26, 24, 24 e 26 animais no 1º, 2º, 3º e 4º grupos, respectivamente. Ao grupo 1 (G 1) aplicaram-se esponjas intravaginais impregnadas de FGA (Chronogest) associadas a 450 U.I de PMSG; ao grupo 2 (G 2) aplicou-se esponjas intravaginais impregnadas de FGA (Chronogest) associadas a 550 U.I de PMSG; ao grupo 3 (G 3) aplicara igualmente esponjas intravaginais impregnadas de FGA (Chronogest) associadas a 450 U.T de PMSG o grupo 4 (G 4) aplicou-se novamente e por fim esponjas intravaginais impregnadas de FGA (Chronogest) associadas a 550 U.I de PMSG. Todos os animais foram beneficiados por monta natural. Os grupos 1 e 2 utilizaram a monta natural à mão e os grupos 3 e 4 por monta natural em lote. O período de experimentação decorreu na época de menor actividade reprodutiva (Primavera). Os partos tiveram inicio em Setembro. Este ensaio teve como objectivos principais a comparação dos tratamentos em termos de controlo da actividade ovárica, concentração de partos, evolução de pesos (borregos e ovelhas) e por fim a produtividade da exploração.

Nos resultados obtidos no nosso ensaio não se verificam diferenças significativas entre grupos nos parâmetros, taxa de fertilidade aparente (TFA) (84,6%, 95,8%, 75,0% e 76,9%), taxa de prolificidade (TP) (140,9%, 143,5%, 122,2% e 145,0%), taxa de fecundidade (TF) (119,2%, 137,5%, 91,7% e 111,5%), produtividade numérica aos 10 dias (103,8%, 120,8%, 91,6% e 92,3%), aos 15 dias (107,7%, 120,8%, 91,6% e 92,3%), aos 30 dias (107,7%, 120,8%, 91,6% e 92,3%) e aos 45 dias (107,7%, 116,6%, 83,3% e 92,3%), produtividade ponderal aos 10 dias (4,84 Kg, 5,64 Kg, 4,62Kg e 4,25 Kg), aos 15 dias (5,84 Kg, 6,83 Kg, 5,57Kg e 5,11 Kg), aos 30 dias (7,55 Kg, 9,71 Kg, 8,09Kg e 7,43 Kg) e aos 45 dias (11,06 Kg, 12,04 Kg, 9,55 Kg e 9,57 Kg), no sexo dos borregos (56,7%, 64,5%, 54,5% e 46,2%), a mortalidade ao parto (MP) (6,5%, 12,1%, 0% e 17,2%) e a mortalidade ao desmame (MD) (3,4%, 0%, 0% e 0%); o peso ao nascimento foi de (2,74 Kg, 2,74 Kg, 2,91 Kg e 2,60 Kg), taxa de fertilidade (TF) em função do 1º cio (53,8%, 62,5%, 25,0% e 42,3%), taxa de prolificidade (TP) em função do 3º cio (100%, 100%, 100% e 100%), taxa de fecundidade (TFec) em função do 3º cio (20%, 80%, 33,3% e 33,3%) e taxa de mortalidade total dos borregos (TMT) (10,3%, 13,8%, 0% e 20,8%).

Verificou-se que no tratamento por monta natural à mão, os pesos ao nascimento dos borregos ao nascimento foram superiores aos do tratamento por monta natural em lote.

Do ponto de vista económico a utilização do tratamento de indução e sincronização de cios na monta natural à mão, não apresenta vantagens evidentes em relação à monta natural em lote.